

## PREZADOS CONVIDADOS, QUERIDOS AMIGOS E COMPANHEIROS,

Começo por agradecer, em meu nome e em nome da Comissão Política Nacional do MPT, a presença dos nossos convidados, em particular daqueles que aqui representam o “núcleo duro” da formação deste Partido com Gonçalo Ribeiro Telles e cujo apoio e incentivo têm sido um estímulo constante para esta direcção: Paulo Trancoso, ex-presidente do MPT, Manuel Ferreira dos Santos, Isabel Elias, Luís Carloto Marques, Vasco Santos e António Arruda. Ausentes, mas também pertencentes a este núcleo, João Reis Gomes e Fernando Pessoa. Ambos me enviaram mensagens pessoais de apreço, justificando a sua ausência, e manifestando também a sua solidariedade e o seu apoio. Agradeço a disponibilidade para aqui estar connosco de José Manuel Caetano, presidente da Confederação Portuguesa das Associações de Defesa do Ambiente. Quero ainda agradecer a presença de John Rosas Baker, ex-presidente do MPT e também, muito em especial, a presença de Camilo Vasco Soveral e Diogo Moura, ambos dirigentes políticos de partidos nossos irmãos que quis convidar pelos laços de desinteressada amizade, cooperação e cumplicidade que estabelecemos ao longo deste ano de vida desta direcção do MPT. O meu bem-haja para ambos.

Quando há pouco menos de um ano nos apresentámos a congresso com um programa político centrado na Conservação da Biodiversidade, no Humanismo e no Pacifismo activos, fizêmo-lo politicamente empenhadas em trilhar caminhos para a construção de uma sociedade mais livre, mais democrática, mais solidária, mais fraterna e mais justa, honrando os princípios fundadores do MPT há 25 anos. Assumimos também solenemente a Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos de 7 de Junho de 2012.

Não quisemos ser unicamente um Movimento e um Partido de causas, mas sê-lo também com uma base doutrinária, filosófica e política. Porque sem filosofia subjacente, sem projecto de sociedade e de mundo toda a política é estéril e vazia.

Assumimos o MPT como o legítimo herdeiro dos movimentos ecologistas iniciados por Rachel Carson e Barry Commoner na primeira metade do século XX, assim como do pensamento ecologista, humanista e filosófico que nortearam Gonçalo Ribeiro Telles e a sua equipa na sua fundação em 12 de Agosto de 1993.

Assumimos a “ética ecocêntrica” de Bertrand Russell que postula o direito à vida de todos os seres, afirmando a impossibilidade de preservar a espécie humana em caso de destruição da Natureza. Esta ética delega na nossa espécie a responsabilidade de definir e cumprir o rumo conservacionista, por ser a única consciente e culpada pela sua leviandade no passado.

“Estamos todos no mesmo barco, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém”, dizia Russell.

Pretendemos assim retomar a base ideológica e doutrinária do MPT na forma e conteúdo, considerámos o MPT como o lar e o referente ideológico político dos seus militantes na construção de um mundo ecologicamente sustentável e de uma sociedade humanista, pacifista e justa, onde impere a defesa do bem-estar de todos, preservando as condições de vida das gerações vindouras.

Mas isto é insuficiente. Sublinho parafraseando Max Weber, “*a questão que nos move quando pensamos além do tórumo da nossa geração não é a de se os seres humanos do futuro se sentirão bem, mas que tipo de seres humanos eles serão (...) O que queremos fazer germinar nos seres humanos não é o bem-estar, mas as qualidades (...) que formam a grandeza humana e a nobreza da nossa natureza*”.

Por um planeta saudável pelo bem-estar humano, pelo respeito por todos os habitantes da nave espacial Terra, mas também pela cultura e pela memória travamos uma luta ecologista e temos um projecto ecológico para Portugal, travamos uma luta humanista e temos um projecto humanista para Portugal.

Costituímos então uma direcção adequada aos objectivos traçados. Porque partido ecologista, uma parte significativa são cientistas da área do ambiente. O MPT passou a ser o partido político português com maior número de cientistas na sua direcção, quer em valores relativos, quer em número absoluto.

Este facto requer algumas considerações. Os cientistas, geralmente, tendem a manter-se afastados dos debates políticos e éticos, mas cada vez mais as questões políticas e éticas dependem do conhecimento científico.

Cada vez mais é central na gestão da coisa pública, o conhecimento factual do estado dos ecossistemas. Se não se conhecem os factos qualquer política de gestão será inconsequente ou, mais grave, prejudicial.

Por isso no MPT os cientistas aceitaram responsabilidades políticas e éticas. Se os cientistas sabem algo importante para o debate político e se decidem não o dizer publicamente, esta é também uma decisão ética.

A ciência não pode decidir sobre questões éticas, esta não é a função da ciência, mas a ciência pode colocar questões factuais. A ciência nunca pode dizer o que é bom, mas pode sempre dizer o que é real, o que é verdade, e este pode ser o seu contributo central para a política.

Mas a verdade agora, porque os cientistas também sabem que toda a verdade é transitória e toda a teoria é biodegradável. O conhecimento actualiza-se e tem consequências. Novos “factos” comportam novos “valores”, assim como novos “valores” criam novos “factos”.

Com o MPT, os cientistas entraram a sério na política em Portugal. Se até aqui se limitavam a tentar compreender o mundo, aqui e agora decidiram que chegou o momento de o transformar, empenhando-se na actividade política.

Mas desenganem-se os que pensam que o nosso lema alguma vez foi “os cientistas ao poder”. Estávamos e estamos bem cientes de que a ciência é redutora no que respeita às questões humanas.

Só por si a ciência não nos pode ajudar a tomar decisões. Essa “racionalidade valorativa” que formula os “juízos de valor” não pode ser validada por si só.

O nosso lema é “o humanismo ao poder”, o humanismo fundamentado na verdade dos factos e na compreensão das pessoas. Portanto estes cientistas que agora se assumem na política estão cientes de que não, não podem ser apenas ecólogos, ou cientistas do ambiente reconfigurados em ecologistas.

Fazem política aprendendo e discutindo com a consciência crítica e responsável que nenhuma pessoa que se propõe intervir activamente na sociedade se pode dar ao luxo de perder.

Trata-se de construir propostas baseadas na crítica, na crítica crítica, na crítica da crítica crítica.

Mas um partido político não pode ser apenas um grupo de cientistas.

Pela nossa própria experiência, nós cientistas, estamos plenamente conscientes de que os fanatismos políticos não descansam enquanto não contagiam a ciência com as suas

patologias.

Tem que ser muito mais do que cientistas agrupados, tem que ser feito de conhecimentos diversificados, de experiências de vida, tem que compreender os problemas dos portugueses e tem que saber propôr soluções. E Portugal já não pode ser governado só por diletantes.

Por isso procurámos construir uma direcção baseada na diversidade de conhecimentos, de culturas e de experiências de vida. Somos 58% de mulheres e 42% de homens, com uma idade média de 47 anos. 50% são técnicos e cientistas da área do ambiente. Biólogos, antropólogos, engenheiros do ambiente, agrónomos, técnicos de agricultura biológica e outros técnicos de ambiente, gente conhecida e prestigiada mundialmente pelos seus contributos nas suas áreas de conhecimento.

Mas somos também juristas, gestores, estudantes, poetas, escritores, engenheiros, empresários, médicos, trabalhadores manuais, agricultores, psicólogos, sexólogos, diplomatas, filósofos, sociólogos, veterinários, assistentes sociais, trabalhadores precários, desempregados, gente que comeu o pão que o diabo amassou e gente que continua a comê-lo.

E ainda gente das artes, artistas plásticos, músicos e artesãos porque estamos convictos, como dizia Archie Shepp, de que “a libertação das estéticas é o prelúdio da libertação da humanidade”. Como disse Gonçalo Ribeiro Telles, a questão do belo é central na construção de um mundo melhor.

E a toda esta gente a única coisa que a move é o bem do nosso povo numa relação harmoniosa com o resto da vida na Terra.

Por isso somos o Partido da Terra, e também o Movimento.

Estamos na política.

E por política entendemos apenas a direcção ou a influência sobre a direcção de uma associação política, hoje, portanto, de um Estado.

Na política pugnamos por uma ética da responsabilidade e uma ética de responsabilidade é um convite permanente à prudência. É a responsabilização pelas consequências dos actos e dos ideais.

Na política é importante que se entenda que a sociedade e a vida dos povos não são um tabuleiro onde se impõe demonstrar a razão que se pretende ter num debate teórico. Não pode haver política experimental. Que todos entendam que quem paga pelos fracassos da arrogância moral são as pessoas comuns.

É importante que nós, políticos, compreendamos de uma vez por todas que lidamos com pessoas e não com coisas.

São três as qualidades decisivamente importantes para o político: paixão, sentido de responsabilidade e mesura.

A política faz-se com a cabeça, não com as outras partes do corpo ou da alma. Todavia a entrega a uma causa só pode nascer e alimentar-se de paixão, se houver de ser uma acção genuinamente humana e não um frívolo jogo intelectual.

Na política há dois pecados mortais: a ausência de finalidades objectivas e a irresponsabilidade.

Nós, MPT, consideramos que sem um juiz transpolítico da política, o sufrágio popular, a política facilmente fica entregue a extremismos e a totalitarismos, ou seja, entregue a si

mesma e desligada das pessoas.

Tínhamos partidos políticos com convicções que, pelo menos com boa fé subjectiva, afirmavam representar uma concepção do mundo. Projectos de sociedade comunistas, socialistas, sociais-democratas e democratas-cristãs, entre outros. Interrogamo-nos: onde estão esses princípios na política real?

Sentimos que a política é cada vez menos um espaço público para um debate sério sobre um modelo de sociedade e o modo de a atingir. Sentimos que a política se tornou numa espécie de circo no qual os seus agentes se esforçam por conquistar e manter o poder através de *slogans* e de uma imagem pública feita por medida.

As pessoas passaram a estar ao serviço da economia e não a economia ao serviço das pessoas. E a economia é dominada pelo espírito da procura do lucro a qualquer preço (em detrimento das pessoas, do ambiente, da qualidade) e que exige que as pessoas se adaptem, sejam competitivas, produtivas, eficientes, comerciais e, acima de tudo, que não sejam quem são.

Sentimos que a política degenerou num instrumento de transmissão de tudo o que é utilitário, de conhecimentos úteis à economia e de tudo o que necessitamos de saber para ganhar dinheiro.

É o compromisso do dinheiro com a miséria intelectual.

Ao difundir a crença no “valor de mercado” como medida absoluta do que é ou não importante, a elite política é responsável pela destruição de grande parte dos valores imateriais que, além de não renderem dinheiro, custam dinheiro (a arte, o património, a assistência a pessoas vulneráveis).

As pessoas foram abandonadas pelas elites políticas, tanto de esquerda como de direita, que abdicaram dos seus princípios, visões e ideais, trocando-os pela falsa moeda das boas graças do eleitorado e do que está na moda.

Olhando para o panorama mundial constata-se um recrudescimento do fascismo sob novas capas.

O fascismo contemporâneo resulta de partidos políticos que renunciaram à sua tradição intelectual, de intelectuais que cultivaram um niilismo complacente, de universidades que já não são dignas desse nome, da ganância do mundo dos negócios, de *mass media* que preferem ser ventríloquos do público em vez de seu espelho crítico. São estas as elites que alimentam o vazio espiritual, contribuindo para uma nova expansão do fascismo e dos totalitarismos independentemente da côr com que pintam as suas bandeiras.

Para nós, MPT, partido humanista, o ideal da igualdade consiste na noção de que a verdadeira identidade de uma pessoa não reside no que a distingue das outras (dinheiro, poder, origem, raça, sexo), mas precisamente no que a liga às outras: a capacidade universal de se elevar pelo espírito, de viver na verdade, de fazer o que é correcto, de criar beleza.

Na tradição judaico-cristã, a liberdade é a responsabilidade que cada pessoa tem de ser aquilo que deve ser: uma pessoa justa. Para Espinoza, a liberdade é a capacidade de um indivíduo se libertar da estupidez e do medo, de utilizar a razão e de viver na verdade. Só é realmente livre a pessoa que viva dessa maneira e que adopte os valores que conferem verdade à sua vida.

Os liberais deixaram de defender os ideais da liberdade e do humanismo europeu, passando a defender a liberdade da raposa na capoeirados mercados – isto é, desde que

ganhassem dinheiro.

É incontestável que a nossa sociedade vive uma profunda crise cultural. Já não reconhecemos os nossos valores espirituais comuns, a educação deixou de proporcionar formação pessoal e moral, e já não somos capazes de responder às questões fundamentais que constituem a base de qualquer ideal de civilização: que regras norteiam a nossa vida? Qual o nosso modelo de sociedade?

Quem pretenda realmente ser humanista rejeita o fanatismo sob qualquer forma e pratica a “cortesia do coração” e a arte da conversa e do diálogo.

Só quando redescobriremos o nosso amor pela vida e decidirmos dedicarmo-nos ao que realmente dá vida – a verdade, a bondade, a beleza, a amizade, a justiça, a compaixão e a sabedoria, só nessa altura e nunca antes, ficaremos imunizados contra o bacilo mortal a que chamamos fascismo.

Como tão bem Albert Camus metaforizou, como Nietzsche soube prever, como outros como Primo Levi, Theodor Adorno, Winston Churchill, Thomas Mann e Bertrand Russell alertaram.

E volto a afirmar: nós, MPT, temos uma filosofia subjacente que nos trás coerência.

Porque sabemos que qualquer acto político sem enquadramento filosófico e doutrinário facilmente resvala para o populismo oco e perigoso e era esse o sentido que sentíamos que estava a ser dado ao nosso Partido.

E considero necessário deter-me um pouco sobre a questão do populismo, dado o seu recrudescimento nos nossos dias. Recrudescimento notável a nível internacional do qual são exemplos paradigmáticos nas Américas as eleições de Trump e de Bolsonaro, na Europa as situações, entre outras, da Áustria, da Alemanha, da Hungria, da Eslovénia, da Polónia, da Suécia, da Suíça, da Holanda, de Itália, de Espanha ou de França.

Nesta última com as recentes manifestações de traços populistas dos coletes amarelos, sintomaticamente com influências da extrema esquerda e da extrema direita e, mais sintomaticamente ainda, com as próprias respostas populistas de Emmanuel Macron.

É preciso ter consciência de que o populismo para o qual o MPT estava a resvalar conduz inexoravelmente, quando dotado de poder, a uma ditadura baseada na utilização demagógica da emotividade das pessoas. O populismo não tem princípios políticos sólidos e carece totalmente de convicções.

Um partido populista é um partido de caçadores de cargos e muda o seu programa objectivo de acordo com as possibilidades de atrair votos. São os políticos do saque.

O populismo é uma construção discursiva pela qual emerge a divisão entre povo e elite. O populismo fabrica a verdade. O populismo leva às últimas consequências o provérbio latino: “*Vox populi, vox Dei*”.

Mas como Deus não se manifesta todos os dias e o povo não tem uma única voz, o populista interpreta a voz do povo, eleva essa versão à condição de verdade oficial, e sonha com decretar a verdade única. O populista abomina a liberdade de expressão. Confunde crítica com inimizade militante, por isso busca desprestigá-la, controlá-la, silenciá-la.

O efeito inevitável da demagogia populista é a subversão da democracia.

Usam chavões sedutores para os mais incautos como “meritocracia”, mas nunca definem o que é o mérito nem em que se baseará a sua selecção dos meritocratas. No dizer de

Hannah Arendt, é a meritocracia contra a democracia.

Meritocracia e populismo, as duas faces da mesma moeda extremista, profascista e totalitária que despreza a Liberdade, a Democracia e, por isso, as pessoas. Condimentese o discurso com a palavra “tradição”, uma pitada de “empreendedorismo” e uns grãosinhos de “excelência” e está pronto a servir um cozinhado sem grandeza nem perspectiva.

A democracia e o populismo são inimigos íntimos.

O populismo utiliza uma estratégia manhosa, palavras de ordem que fazem parte dos sentimentos generalizados do povo, transformando-as nas suas bandeiras. A “corrupção” e o “tráfico de influências” são certamente os pecados preferidos do populismo. Porque ninguém de bem se poderia alguma vez afirmar a favor da corrupção ou do tráfico de influências.

O populismo não é uma ideologia. É uma estratégia de acesso ao poder que assenta numa visão dicotómica do mundo: os puros e os corruptos; os nacionais e os estrangeiros; os cidadãos indefesos e os refugiados terroristas; o povo e as elites; as famílias trabalhadoras e os burocratas de Washington ou Bruxelas. Enfim, nós, que falamos a verdade ao povo, e eles, os políticos que apenas pensam nos seus próprios interesses. É esta a mensagem do populismo.

É a política utilizada por demagogos cujo único objectivo é o reforço e alargamento do seu próprio poder. Para esse efeito exploram o ressentimento, designam bodes-expiatórios, incitam ao ódio, escondem o vazio intelectual por trás de *slogans* e insultos roucos e elevam o oportunismo político a uma forma de arte.

Quando o populismo na cultura do homem-massa se mistura com uma grande dose de nacionalismo, de ressentimento e de ódio, assistimos ao reaparecimento do rosto horrendo do fascismo. São estes demagogos que nada farão pelas pessoas cuja vida não é fácil.

Quando se entrega o poder a charlatães que usam os *mass media* para cultivar a crença de que o líder, o político que pretende ser contra a política é a única pessoa capaz de salvar o país, as instituições constitucionais e democráticas desaparecem tão depressa como a confiança nas autoridades porque já ninguém acredita nelas.

O populismo, fascista ou não, não tem ideias nem profundidade.

Oferece o oposto das tradições judaico-cristã e humanista: um materialismo grosseiro, um nacionalismo opressivo, incentivos ao ressentimento, uma profunda aversão pela arte e pelos valores espirituais, uma intolerância espiritual sufocante, uma resistência feroz ao espírito europeu e mentiras permanentes como arma política.

Fica o alerta para a reflexão ética de cada um de nós.

Por último, não vos sei dizer o que vai ser do MPT.

A mentira recorrente sobre as finanças do Partido que não permitiu a esta direcção que as sanasse em tempo, parece levar inexoravelmente à insolvência e extinção deste projecto.

Mas, desenganem-se os que julgam que o sonho de Ribeiro Telles e de quem com ele fudou este partido fica por aqui.

Um Partido que nasce do Movimento Alfacinha, que tem na sua génese nomes tão grandes da nossa cultura como, entre muitos outros, Afonso Cautela, Agostinho da Silva, Al Berto Pidwell, Fernando Santos Pessoa, Fiana Hasse Pais Brandão, Francisco Sousa Tavares, Gonçalo Ribeiro Telles, Henrique Barrilaro Ruas, João Reis Gomes, José Matoso, Luísa

Costa Gomes, Luís Coimbra, Mário Cesariny, Paulo Trancoso, Pedro Ayres de Magalhães, Pedro Burmester, Pedro Paixão, Vitorino Salomé ou Raul Solnado, é muito mais do que um Partido Político ou um Movimento: é património cultural de Portugal e dos portugueses.

Desenganem-se aqueles que pensam que o sonho acabou.

Temos projectos, e projectos para não deixar morrer este projecto!

Quem nos quer destruir não sabe nem sonha que o sonho é uma constante da vida tão concreta e definida como outra coisa qualquer.

Outras formas encontraremos de dar asas ao sonho, de costurarmos uma nova madrugada.

Manter-vos-emos a par e contaremos convosco.

Pela Liberdade, pela Democracia, pela Paz, pelo Ambiente, pelo Planeta, por Portugal e pelos portugueses.

Luís Vicente

5 de Janeiro de 2019